

## CAPÍTULO V

ALÍPIO E MATIAS tinham aparecido ao anoitecer em casa de Bilinha; e, como de costume, entretinham-se em discutir assuntos literários e artísticos, com grande desvanecimento da dona da casa, que aceitava, sorrindo, o qualificativo de *nossa Mme. Adam*, dado pelos dois rapazes quando a ela se referiam.

Fora, na calçada, D. Maria Lina, a mãe de Bilinha, conversava com um casal da vizinhança, a Benvinda e o Venâncio, pessoas de condição modesta, mas muito populares na cidade. O marido era funileiro, fogueteiro, cabeleireiro e consertador de relógios, de máquinas de costura e de infinitas coisas mais; a mulher, estimada pelo seu gênio alegre e serviçal, dera o seu nome a uns famosos beijos de goma, que serviam de pão da manhã à maior parte dos lares de Ipuçaba. Aquela palestra à noite era a única distração que tinha a velha, pois nada entendia das conversas da filha, e, se as ficava a ouvir, dava para bocejar desoladoramente. Nos outros lugares onde tinha estado com a filha depois que esta tirara cadeira, formava sempre à noitinha um jogo de víspera para passar o tempo. E por que não se fazia o mesmo aqui? — objetara a Benvinda, que não fazia cara feia a nenhuma espécie de jogo. Mas a velha, fazendo um movimento com o queixo para o lado da sala, deu a entender que não se animava a propor isso à filha.

— Pois falo eu.

E chegando à porta e encostando-se à ombreira com um sorriso insinuante:

— Vamos a um joguinho de víspera para divertir?

Dentro, a conversa arrefecera; Alípio, com o pensamento já longe da literatura, começava intimamente a achar demais a presença de Matias; caíra-se em comentários banais sobre coisas sem interesse.

— Voto! — gritou o bacharel, que anteviu prontamente algum encanto particular na diversão.

Matias assentiu também; Bilinha murmurou um — vá lá — sem entusiasmo.

D. Maria Lina foi então desencavar no fundo de uma mala o maço de cartões desbotados e o saco de pedras desvernizadas pelo uso. Formou-se a roda, ficando Alípio ao pé de Bilinha e o Matias entalado entre a Benvinda e o marido. A Benvinda era uma gorducha tagarela, pouco escrupulosa no emprego de certas expressões ousadas, o que a tornava interessante para os amantes da chalaça grossa; os mais delicados escandalizavam-se um pouco com os seus desbocamentos, mas toleravam-na pelo natural compassivo e generoso do seu caráter.

D. Maria Lina cantava os números com o acento monótono que lhe dava a prática daquele mister. A febre do interesse apossou-se dentro em pouco de quase todos os jogadores, que iam, com emoção, alinhando os grãos de milho sobre os pontos chamados e estremeciam temendo cuvir a exclamação do parceiro que quinasse em primeiro lugar. Alípio marcava prodigamente dez cartões, enquanto Venâncio teimava pachorrentamente em marcar um só. E o tempo passou tão despercebidamente que já eram dez e meia quando Matias, acostumado a recolher-se cedo, se levantou para sair.

Noitadas iguais se sucederam sem interrupção, e o entretenimento entrara tão profundamente nos hábitos dos comensais que foi um desapontamento interrompê-lo por um motivo imperioso.

D. Helena, esposa do Chico Herculano, adoecera de uma pleurisia. Indo visitá-la, Bilinha achou-a mal e ficou a seu lado toda a noite, prestando-lhe os cuidados de uma assistência solícita e inteligente. O seu jeito e umas vagas noções que tinha de medicina caseira tornaram-na logo indispensável à doente. E rogada pelo dono da casa, a quem muitas finezas devia, teve que ficar como enfermeira durante a fase aguda da moléstia. Não foi pequeno o sacrifício de suas noites de sono ou de insônia fecunda em sonhos, de seus livres hábitos de indolente e meditativa.

A ocasião era mesma azada para vencer uma reserva não hostil mas irredutível com que a tratava D. Helena. Ela tolerava as generosidades do marido para com a professora, mas nunca tomava a iniciativa de qualquer cortesia. Devia existir uma secreta prevenção em seu espírito, encerrada nessa fria polidez que incomoda sem ferir e resiste pela inércia a todos os esforços de quem nela incorre. Demais a índole e a educação da professora impediam uma perfeita afinção afetiva com a sertaneja, desconfiada por instinto e apática de natureza. A gratidão, veio, porém, fazer desaparecer os obstáculos que se opunham à estima das duas mulheres e as mantinham numa atitude de cerimoniosa e calculada amabilidade. D. Helena, desde que se sentiu em via de restabelecimento, dera entrada a Bilinha no recinto discreto das suas verdadeiras afeições.

Durante a moléstia da mulher denotava Chico Herculano um interesse vivíssimo pelo seu estado, a ponto de pôr de lado as suas preocupações políticas e deixar aos amigos a direção das questões decorrentes do conflito da Feira. E assim passava grande parte das noites sentado numa rede a conversar em voz baixa com Bilinha, que se instalara ao pé da cama de D. Helena para prestar-lhe as suas carinhosas atenções.

Que fosse dormir, dizia ela; não era preciso estar se incomodando; por sua parte já se regalara com duas boas horas de sono

durante o dia. Mas o Chico Herculano afirmava não ter vontade alguma de dormir, e não lhe ficar bem descansar quando ela velava.

— Ah! pensa que não durmo aqui? pois saiba que tomo boas sonecas nesta cadeira.

— Então durma agora, eu farei o mesmo quando a senhora despertar.

— Agora estou sem sono.

— Também eu. E, neste caso, vamos conversar. Quer que lhe conte algumas histórias de onça ou de almas do outro mundo?

— Não, prefiro das deste mesmo. Quais são as novidades da terra?

— Coisas que não podem interessá-la. Essa questão da Feira promete coisas no arco na velha. Espera-se a qualquer noite um salto ao destacamento pela gente do João Ferreira.

— Jesus! E os soldados feridos como vão?

— Um está à morte; os outros dois já se levantaram. Sabe que o nosso promotor está ameaçado de uma sova se apresentar denúncia contra os mandantes do crime?

— Que horror, meu Deus! E o Dr. Alípio que pretende fazer?

— Dar a denúncia, está visto.

Bilinha calou-se, presa de um profundo mal-estar, de uma sensação de terror ante os contingências brutais dessa tão apregoada tranqüilidade aldeã: em vez da rusticidade ingênua e encantadora, encontrava-se a maledicência, a grosseria e o rancor. Chico Herculano, colocado em seu terreno, entrou a discorrer longamente sobre o assunto, citando fatos sobrecarregados de incidentes, remontando-se a antecedentes com a minúcia cansativa peculiar às conversações da gente do campo. Mas a interlocutora, ouvindo sem entender, fazia seu pensamento girar insistentemente em torno de Alípio. Ora, aí estava o resultado de vir um rapaz da cidade meter-se com gente bruta! Ele que podia estar num grande meio gozando a vida e fazendo figura na boa sociedade de que falava com tanto entusiasmo!

Aplicando o caso a si mesma, vinha-lhe um desejo violento de ir-se para bem longe dessas misérias de aldeia. E a sua imaginação, associando o seu destino ao do rapaz, foi se guindando de cisma em cisma, desdobrando perspectivas inverossímeis, criando situações romanescas, afagando sonhos ambiciosos de ventura tão poderosamente evocados, que uma onda subitânea de ternura se lhe derramou pelos nervos e pelas veias num prurido voluptuoso. Fechou a meio os olhos para dar mais intensidade àquele surto de sua imaginação, enquanto o seu companheiro de vigília continuava a enfadonha história de que ela só ouvia a amorfa melopéia em surdina.

— Não acha? — perguntou ele, alteando um pouco a voz.

A moça abriu os olhos num sobressalto e respondeu atabalhoadamente:

— Sim, sim... pois não...

— Assustou-se? Estava cochilando, hem?

— Não, estava ouvindo; fechei os olhos por causa da luz.

— Durma um pouco. Eu vou ficar caladinho ali na rede.

— Qual! não tenho sono. Vamos com o resto das novidades. Não há alguma sem ser política?

— Não sei; não tenho ido à Feira.

— Ah! essa sua Feira faz-me um medo horrível! Deus queira que não se lembrem de mim.

— Ora! que é que podem dizer da senhora? Quem não deve não teme.

— Eu não devo, mas temo. A calúnia é capaz de tudo.

Chico Herculano, que estava ao corrente do que se dizia dela e do promotor, entendeu dever cortar a conversa neste ponto, e, sentindo-se incapaz de fazer os gastos de uma palestra interessante para a sua hóspede, foi “passar por uma madorna”.

Vinha pela primeira vez ao espírito de Bilinha a idéia de que a maledicência da Feira poderia ocupar-se das visitas assíduas de Alípio à sua casa e do vispóra que, em má hora, ali se inaugurara e tão burguesmente tomara o lugar do *flirt* iniciado com todas as regras do cerimonial galante e assim mantido, graças aos esforços de sua vontade sempre alerta às conveniências da sua reputação e aos caprichos do seu gosto aristocratizado pelas leituras.

Muito seguramente traçara a sua linha de conduta para se incomodar com a corte que Alípio fazia a Florzinha; que essa tolinha se deixasse vencer ingenuamente para sofrer mais tarde a inevitável decepção; quanto a si, não tinha ilusões e, portanto, não temia um fiasco. Queria “flertar” e mais nada. Ao voltar, acabaria com o vispóra: aquilo era muito bom para a sua mãe e para a Benvinda.

Verdade, verdade às vezes chegava a pensar em casamento com o bacharel; mas conhecendo, como já conhecia a fundo o seu caráter cético e ambicioso, tal utopia só a empolgava nesses momentos delirantes quando o pensamento, insubmisso ao nosso querer, faz castelos por conta própria, cria situações inverossímeis, com desfechos magníficos, e tão longe vai que, por fim, o chamamos à realidade, com o súbito receio de aproximar-nos muito do abismo de onde nos chamam as vertigens da loucura. Em presença dele estava sempre tão lúcida e senhora de si que nem de longe temia um eclipse de sua virtude sábia e vigilante. Quanto a Alípio, não era por simples instinto de galanteria — percebia-o bem — que a procurava: sabia-se cobicada impudicamente, sentia-se fisicamente feita para inspirar essa cóbica e gostava de comparar-se a uma domadora que acaba por habituar-se à atmosfera do perigo e não teme mais perder o sangue frio. Uma inata e doentia curiosidade fê-la

cedo emaranhar-se em espírito pelos bastidores da sociedade, graças ao abandono moral em que a deixou medrar a mãe, cuja escabrosa história foi conhecendo por intuição e, mais tarde, por dedução das mal disfarçadas cenas a que assistira já crescida e suspeitosa. Verificara a discordância de datas entre a morte do seu pai e o seu nascimento, e a certeza da ilegitimidade da sua origem envenenou-a de pesar infinito e de infinito desprezo pela odiosa mulher com quem era forçada a conviver e cuja presença a seu lado era um espantinho para os corações bem intencionados, um chamariz para os profissionais da concupiscência.

E essa visão do avesso da vida aparente e o despeito da inferioridade moral de sua origem tinham-na levado, depois dos vinte anos, a formular um voto solene de honestidade material, visto que a pureza d'alma estava irremediavelmente perdida.

Antes dessa idade, o mau sangue que lhe corria nas veias arrastara-a a sérios perigos; mas dessas provas arriscadas saíra fisicamente incólume, sem estigmas que a inutilizassem para uma possível felicidade futura. Já completara vinte e três anos, e, desde então, a esperança dessa felicidade começou a adelgaçar-se assustadoramente, a esgarçar-se mesmo em certos pontos, deixando ver para além um fundo de negros e aterradores desesperos. Sem família, sem fortuna, marcada ao nascer pelo ferrete do pecado, era a tremer e a chorar doloridamente que pensava no futuro, nas raras vezes em que se atrevia a levantar uma ponta da cortina suspensa por suas próprias mãos a essa porta da vida.

Esse rapaz era por certo um novo e mais perigoso exemplar dos gênios maus que com revoltante insistência lhe surgiam no caminho, desde que a natureza a sagrara mulher; mas não o temia porque não o amava. Alípio enganava-se supondo que havia de fazer dela um instrumento de seus hábitos viciosos: quando ele supusesse tê-la subjugado e tentasse conspurcá-la, havia de rir-lhe na cara e desarmá-lo com uma palavra de desprezo.

Nada existia de comum entre os dois senão essa sentimentalidade artificial que nasce de enxerto no espírito e só produz flores híbridas, incapazes de simbolizar o afeto humano em sua formosa simplicidade. Eram dois atores que em plena vida real, no cenário natural de uma cidade sertaneja, procuravam divertir-se, fazendo com as reminiscências de um papel, de há muito aprendido, os encantos de um passatempo sem consequência. Agora, ela bendizia essas férias sobrevindas providencialmente, durante as quais pudera estudar melhor as peripécias da comédia para dar-lhe uma interpretação impecável e segura.

Ja fazer uns quinze dias que Bilinha estava em casa do Chico Herculano, só vindo à escola à hora de tomar a lição à pequenada.

Ao décimo sexto dia D. Helena entrara em convalescença, e a enfermeira resolveu dar por finda a sua missão no dia seguinte.

À noite a casa encheu-se de visitas. Lá foram Asclepiades com a família, Alípio que, quase à força, levava o Matias consigo, o juiz de direito e mais umas pessoas da vizinhança.

As senhoras instalaram-se no quarto de D. Helena, que, meio deitada na cama, muito desfeita, com um sorriso lânguido as ouvia falar, respondendo apenas com movimentos de cabeça, enquanto Bilinha, risonha e solícita, falava por ela; contava os episódios da moléstia, descrevia a marcha do tratamento, interrompendo-se de quando em quando para fazer as honras da casa, receber uma nova visita, trazer cadeiras para o quarto, dar ordem para fazer café e obrigar a convalescente a tomar os remédios à hora. E falando de sintomas, de remédios e cuidados higiênicos, empregava termos pouco comuns de medicina e farmácia que davam ao auditório uma alta idéia de seus conhecimentos!

Ainda mais calada e tímida depois que se espalhara o boato do seu namoro com o promotor, cuja voz lhe chegara da sala, Florzinha instalara-se num cano onde a luz desmaiava em penumbra, e escutava em silêncio o papaguear das senhoras, suspeitando em cada olhar e em cada sorriso uma alusão maliciosa às histórias em que andava envolvido o seu nome. Bilinha notou o seu retraimento e o traduziu como uma manifestação de ciúme. Tem graça, pensou Bilinha, e tratou de sondar o ânimo da rapariga.

— D. Claudina, disse, por que está tão murcha a nossa Florzinha? Será porque a noite está tão quente? — E fez menção de deitar água num copo para borrifá-la.

— Obrigada, não estou com sede — replicou Florzinha com um sorriso forçado.

— Pois então venha para perto de mim, que quero distraí-la. Há quantos dias não estamos juntas! Faz obséquio de afastar-se um pouco, D. Claudina. Traze a tua cadeira para cá, Florzinha.

A moça obedeceu vagarosamente e sentou-se ao lado da amiga, que lhe tomou uma das mãos entre as suas e pôs-se a falar-lhe a meia-voz com vivacidade:

— Olha que uma menina da tua idade, quando se torna assim pensativa e retraída, faz nascer suspeitas... Deixa lá os cuidados para mim, que sou velha. Cuidados! Só os pode ter de uma espécie, e esses devem ser alegres... Olha para mim, Florzinha.

A moça corou, mas levantou para a outra os seus grandes olhos serenos e tristes, com uma impassibilidade que a desconcertou.

— Teus olhos não dizem senão tristeza... Parecem um céu de chuva, como diria um poeta... Tu choraste e vais chorar ainda... Se eu soubesse ao certo os teus males, talvez te pudesse

dar um remédio: como vês, eu sou um pouco médica. . . Mas como para esses males de nada serve auscultar o coração, peço-te que me abras, contando-me a causa de tuas mágoas.

— Não tenho nada que contar; nem todo o dia a gente pode estar alegre.

— Mas, quando uma menina como tu deixa de estar alegre, deve existir um motivo para isso. . .

— Não tenho motivo algum; isto é mesmo do meu gênio — disse Florzinha com um suspiro.

— Pois olha: é a primeira vez que te vejo assim; e, demais, esse suspiro está desmentindo as tuas palavras. Estás sofrendo uma pena que não podes disfarçar, e essas coisas doem menos quando a gente desafoga com uma amiga. Não tens confidente?

— Tenho mamãe.

Esta resposta foi como um dardo ao coração de Bilinha, pois, além de parecer uma reprimenda à sua curiosidade, revelava uma identificação amorável da filha com a mãe, um afeto confiante cuja doçura nunca lhe fora dado sentir. Florzinha compreendeu que tinha sido desazada, e, premindo-lhe a mão numa carícia triste:

— Não pense que desconfio da senhora. Se não lhe digo a causa do meu aborrecimento é porque não quero falar de coisas que me irritam a ponto de me fazer chorar de raiva. Logo há de saber tudo, e até admira que já não saiba. . .

Surpresa com estas palavras contrárias às suas desconfianças, Bilinha teria prosseguido em indagações se não houvesse sentido na voz da menina um tremor de choro iminente. E em voz alta:

— Vamos dar um passeio na calçada do oitão, Florzinha?

Saíram as duas pela porta da sala de jantar e começaram a percorrer a longa calçada de um extremo ao outro, os braços reciprocamente enlaçados à cintura, caladas ambas, mal resistindo aos ímpetos de dizer tudo para desfazer a desconfiança mútua que as separava, malgrado seu, enquanto fisicamente unidas iam e vinham, passando a cada instante por diante do quarto, cuja luz, projetada em leque sobre o chão da praça toda em treva, fazia parecer mais negra para além daquela morna noite de abril, forrada de nuvens que interceptavam as estrelas, e inflamada de longe em longe pelo fuzilar dos relâmpagos a debuxarem subitamente o contorno caprichoso dos torreões postados na linha ignorada do horizonte. Para trás se alongavam terrenos desertos de onde vinham os mugidos plangentes do gado solto e o coaxar dos sapos de envolta com o aroma dos nenúfares, dando tudo uma indefinida impressão de voluptuosa tristeza.

E as duas raparigas, sempre enlaçadas e mudas, iam e vinham, maquinaalmente, a rolar no pensamento vagas e vagas de cismas laivadas da melancolia invasora das coisas.

— É bem triste a tua terra à noite! — disse por fim Bilinha.

— Minha, não, que não nasci aqui, felizmente.

— Felizmente. . . por quê?

— Porque não gosto disto.

— Já estiveste na Fortaleza?

— Fui lá diversas vezes quando morávamos em Maranguape; mas eu era muito criança.

— Há quanto tempo moras aqui?

— Há mais de sete anos.

— E ainda não te acostumaste com esta insipidez?

— Não é pela insipidez, tanto que prefiro estar na fazenda de meu tio; é por causa da gente.

— Talvez tenhas razão. Mas eu só tenho motivos para ser agradecida a este povo. E olha que tenho uma aversão invencível ao campo; pelo meu gosto não sairia da Fortaleza para uma cidade maior. Mas tu que estás acostumada aqui e és tão estimada de todos. . .

— Deus queira que a senhora não tenha motivos para pensar como eu.

O segredo da contrariedade de Florzinha começava a desvendar-se à sua amiga: a maledicência tomara conta da menina e de Alípio. Esta descoberta fê-la tremer por si. Quando chegaria a sua vez? e já não teria chegado? Que não diriam dela também? era preciso saber o que se dizia. Interrogaria a Benvinda que, naturalmente, estava a par de tudo. Mas uma coisa a surpreendia: então Florzinha se esquivava à corte de Alípio? Ia tentar uma experiência. Ao chegarem à esquina, onde a calçada se prolongava em ângulo reto para a frente da casa, de onde se avistavam as luzes da sala, algumas portas adiante, e donde se ouvia a voz dos homens em animada conversa, Bilinha puxou a menina, dizendo:

— Vamos passar pela frente?

Mas Florzinha resistiu, desprendendo-se dela numa meia volta rápida:

— Não, vamos voltar ao quarto; mamãe já deve querer ir embora.

— Qual! é cedo! Vamos! — e segurou-a pelo braço.

— Não vou! opôs Florzinha com veemência, fazendo fincapé.

— Decididamente tu estás hoje muito esquisita. Vamos entrar, então.

E, separadas e silenciosas, as duas moças foram reunir-se à roda das senhoras. Uma criada entrara com uma bandeja de café. Bilinha aproveitou-se do pretexto de servir aos hóspedes para ir à sala, onde apareceu com o seu melhor sorriso. E enquanto dirigia a criada bisonha e trapalhona na distribuição das xícaras, Chico



Herculano encarecia os serviços que lhe prestara naquele transe a “ilustre perceptora”, como ele dizia. Bilinha sorria de satisfação e um pouco também da silabada, que igualmente fizera sorrir a Alípio. O juiz de direito fez-lhe pomposos cumprimentos, sucedido por Asclepiades, que, aliás, não se mostrou muito facundo, e Alípio deu a nota espirituosa declarando que com tal enfermeira não se lhe dava de apanhar também uma pleurisia.

— Não caia nessa, porque morrerá à míngua se não lhe aparecer uma alma mais caridosa do que a minha.

— Está ouvindo a linguagem da “ilustre perceptora”, senhor coronel?

— Ela é apenas enfermeira de senhoras, pois com esse palmo de cara não pode tratar de marmanjos que adoecem por gosto.

— Tem graça! disse Bilinha com um trejeito de amuo infantil.

— Quando deixa v. excia. suas piedosas funções? — perguntou Alípio, com uma súplica no olhar.

— Amanhã à noite, se Deus quiser. A nossa doente já não precisa de mim.

Alípio aludiu ao calor e saiu para a calçada, aproximando-se da janela, ao pé da qual estava Bilinha, que se voltou para ele.

— Se não voltasse amanhã eu morreria positivamente de tédio — sussurrou o bacharel nessa meia voz especial dos namorados, inaudível até para os seus botões, se botões tivessem ouvidos.

— Isso é gentil mas é falso. O senhor é o rei da terra, e os reis não têm tempo para aborrecer-se.

— Rei, eu! que estou até ameaçado de levar pancada!

— Deixe dessas graças! Isso não passa de boatos da Feira.

— Não sei, nem isso me preocupa. Antes morrer a pau que de tédio.

— Não tem achado então em que distrair-se?

— Nada! um horror! Não tenho com quem troque uma palavra menos trivial. O próprio Matias foi para fora. Volte amanhã, por piedade, se não quer colaborar para a perda de um moço em plena primavera da vida.

— Não há perigo. Está aqui o Sr. Asclepiades para salvá-lo.

— Ainda?... A senhora é impiedosa!

— Há verdades impertinentes...

— Não tanto como o cavalheiro de quem acaba de falar.

— Pelos santos se beijam os altares.

— Apostou de zangar-me hoje?

— Seria então a noite das zangas.

— Como assim?

— Há alguém zangado lá dentro.

Alípio entendeu fazer a conversação mudar de rumo.

— Como cheiram essas angélicas que a senhora traz ao peito! Dá-mas?

— Pois não!

— Mas... consente que eu mesmo as tire?...

— Está doido!

— Que tem? É como se estivessem no pé.

— Pois o pé está ali ao lado.

Alípio fez um gesto de arrebatá-lhe as flores do seio; mas Bilinha endireitou-se rapidamente e voltou-se a meio para o interior da sala. Os olhos de Asclepiades encontraram-se com os dela num lampejo hostil, e as suas três rugas sintomáticas de mau humor lá estavam a encapelar-lhe verticalmente a orla inferior da testa.

As senhoras chegavam à sala em ordem de retirada. Os homens levantaram-se e foram tomar os chapéus. D. Claudina estendeu a mão a Alípio, mas este declarou que as acompanharia até meio caminho. Florzinha, impaciente, enervada, estava por trás de todos a esperar que se trocassem essas últimas palavras que são o *post-scriptum* das palestras e foi estendendo maquinalmente a mão aos circunstantes e deixando-se beijar por Bilinha em ambas as faces. Tinha ouvido com um calafrio as palavras de Alípio e estava a planejar o meio de fazer o trajeto afastada dele; mas este, desde os primeiros passos, colocou-se entre ela e D. Claudina, enquanto Asclepiades ficava ao lado dos outros homens. E até chegar à casa do coletor, fez ele brilhar os seus dotes de conversador, conseguindo que Florzinha sorrisse, malgrado seu, e D. Claudina risse, gostosamente de uma anedota de sua vida acadêmica, ornada de abundantes peripécias cômicas. Chegando com algum atraso, Asclepiades verificou com satisfação as boas disposições da filha e agradeceu calorosamente a Alípio a amável companhia que lhes tinha feito.

Bilinha voltara sem demora à cabeceira da enferma, a quem fez saber que, não sendo mais precisos os seus serviços, pretendia voltar à casa no dia seguinte.

— Sinto muito perder a sua companhia, mas não tenho o direito de exigir-lhe mais sacrifícios. A senhora fez por mim o que só faria mãe ou irmã.

— Ora o grande sacrifício! Muito mais devo eu à senhora e a seu marido. Demais, amor com amor se paga: se eu adoecer também, mando chamá-la para tratar-me.

— Deus a livre de moléstia; mas se tal acontecer pode contar comigo, embora eu não tenha os seus conhecimentos.

— Bom, bom, bom; trate agora de acomodar-se, pois deve estar fatigada. Hoje vou dormir ali no quarto. Se precisar de qualquer coisa, chame-me. Olhe que fico zangada se não chamar-me. Tenho o sono muito leve.

E fechando a janela e dando uma demão ao quarto foi até à porta do corredor dirigir boa-noite ao dono da casa, que a esperava no sala de jantar para cear.

— Então não vem hoje à coalhada?

— Não, obrigada.

— Está esplêndida!

— Estou sem vontade. Boa noite.

— Boa noite.

Bilinha ainda aproximou-se de D. Helena, aconchegando-lhe o lençol, verificou se havia fósforos, se o copo de barro estava cheio, beijou-a na testa e entrou para o quarto vizinho. Depois de tirar o colete, enfiou uma blusa caseira e abriu a janela do oitão, à qual encostou uma espreguiçadeira. A noite estava quente, e ela não tinha sono, presa ainda da agitação conseqüente da investida de Alípio contra o seu pudor. Já receava aquilo. Quando mais nova, sofrera, sem grande resistência, desses assaltos da cupidez masculina. Agora, porém, que jurara reabilitar-se perante si mesma, tomara-se de terror por essas brutalidades, e era com desespero que se via assim sempre a despertar os maus instintos, sempre a atrair os impudicos, como se tivesse o sangue doce para essas vespas venenosas. Que maldição a perseguia tão implacavelmente? Era possível que acontecesse o mesmo às outras moças? Não, Alípio não se atreveria a estender a mão para tocar o corpo de Florzinha. A essa não ousaria também oferecer livros de Marcel Prevost, aliás já conhecidos seus. Queria então fazer dela uma heroína das *Demi-Vierges*? Quem sabe? talvez até pensasse coisa pior... Pois esse rapaz não tinha espírito bastante para representar a comédia elegante do *flirt*? Para a outra, as delicadezas de coração, os madrigais, o puro platonismo de poeta; para ela, essas torpezas de sá-tiro! Não! não se prestaria a tal degradação! exclamava dentro de si com o coração grosso do despeito e com um engasgo de pranto na garganta.

Estirada na espreguiçadeira, com os pés em chinelos descansando sobre outra cadeira, as saias se lhe repuxaram, mostrando o começo da perna calçada em meia preta; o cabelo, já solto, caía-lhe sobre os ombros numa cascata escura. E assim, continuando a cismar, nessa abstração que dá ao corpo uma insensibilidade de massa estranha a nós mesmos, ela estudava o plano de resistência ao novo inimigo que lhe surgia tão aparelhado de elementos de sedução.

E ia voltando o rosto para arrepanhar o cabelo, quando um busto de homem se estampou no fundo da janela. A rapariga contraiu-se num espasmo de medo e pôs-se em pé, soltando um gritinho agudo. Imediatamente reconheceu o Chico Herculano, que tartamudeou confuso:

— Assustou-se?... Desculpe. Eu estava sentindo o estômago pesado e vim dar um passeio por aqui.

— Que susto me pregou o senhor! Estou toda trêmula!

— Causo-lhe tanto horror assim?

— É que eu não esperava vê-lo aparecer agora. Safa! que choque!

— Está sem sono?

— Sim, e com um pouco de calor. Mas vou já deitar-me.

Houve um hiato de silêncio.

— Sabe que desde hoje estou com saudades suas?

— Muito obrigada — disse Bilinha, interdita, segurando a banda da janela como se fosse fechá-la.

— A senhora vai fazer uma falta nesta casa... Eu já estava habituado a vê-la a todo o instante...

Ainda a tremer do sobressalto, Bilinha escutava essas palavras com uma desconfiança progressiva que lhe ia traspassando os nervos de uma intolerável sensação de repugnância e medo. Crispava os dedos na borda do batente, procurando uma frase para despedir aquele homem que, encostando-se mais à soleira, continuou:

— Até lamento que a senhora tivesse vindo para cá. Vai-me fazer sofrer muito... Se ao menos quisesse dar-me uma prova de amizade nesta última noite que passa aqui...

— Que está o senhor dizendo? Um de nós dois perdeu o juízo. Dá licença que eu feche a janela?

— Fui eu quem perdeu o juízo! disse o Chico Herculano, com uma inflexão estranha. E, visto isso, vou proceder como um doido.

E estendendo subitamente as mãos agarrou Bilinha pelos braços, puxou-a para si, procurando beijá-la. Ela desviou o rosto, mas ainda sentiu uns lábios de fogo roçar-lhe a têmpora e a orelha. Com um safanão violento conseguira, porém, desprender-se; olhou-o com um profundo desdém, afastou-se e entrou para o quarto de D. Helena. Esta abriu os olhos a meic e perguntou vagamente:

— Que é, Bilinha?

— Vim buscar o pente — respondeu a moça, esforçando-se por falar naturalmente.

Levou algum tempo a fingir que procurava com efeito o pente; mas a convalescente fechara de novo os olhos e reatara o sono no mesmo instante. Só quando ouviu os passos do Chico Herculano no corredor atreveu-se Bilinha a voltar ao seu quarto, cuja janela fechou com muito cuidado.

E deitou-se a chorar silenciosamente, um choro dolorido e incoercível, impotente para calmar-lhe o desespero.

— Também este, meu Deus! Dois na mesma noite! Que sorte maldita a minha! exclamava baixinho na pausa de cada soluço.

E chorou mais, muito mais ainda, deixando que seus nervos vibrassem violentamente àquela mágoa, com uma veemência nunca atingida pela sua doentia sensibilidade.

## CAPÍTULO VI

FLORZINHA estava sentada, a fazer croché, à sombra da folhuda mangueira do quintal, e, manejando a longa agulha, cismava em coisas que ultimamente tinham vindo dar à sua existência uma feição insólita, perturbadora, como se de repente abrolhassem pedrouços ásperos no leito de um regato tranqüilo e claro. Até então ela vivera na fruição secreta de um afeto infantilmente casto, brotado um dia em seu coração, mas tão velado e tímido que ninguém jamais o suspeitara. Ela surpreendera um olhar de mudo fervor que lhe foi ter ao fundo d'alma, rapidamente, como o vento leva um embrião de flor ao fundo de uma gruta. E a flor lá vivia palidamente na sombra do seu primeiro segredo da umidade, das suas lágrimas sem motivo ainda, lágrimas que são apenas a condensação dos primeiros sonhos no ambiente frio da realidade exterior.

Agora queriam arrebatá-la à sua deleitosa obscuridade, atirá-la à plena luz que fecunda ou cresta, e um receio aflitivo a salteava, enchendo-lhe a cabeça dos zumbidos precursores da vertigem. Ela se sentia como agarrada por um braço estouvado e invisível que a puxava e sacudia, despertando-a para sempre do sonho doce que vinha sonhando e com o qual se contentava a sua alma desambiciosa e resignada. Era uma mulher feita, e a vida a solicitava para assumir um posto. Essa intervenção despótica, exercida por intermédio de seu pai, fazia-a viver desde algumas semanas num opressivo ambiente de temerosas ansiedades.

Como costumava nos dias de descuidosa tranqüilidade, fora sentar-se debaixo da mangueira do quintal mas com o semblante anuviado pelas inquietações que lhe trabalhavam o íntimo e com os olhos fosforeados de clarões de febre.

Suavemente ensombrado àquela hora da tardinha, o quintal ficava isolado de todo o rumor da casa e da rua, fechado por altas cercas revestidas espessamente de melão-de-são-caetano, como verdes muralhas impenetráveis à vida exterior. Os irmãos pequenos faziam suas correrias na calçada, o pai tinha ido à seca<sup>11</sup> em casa do

---

<sup>11</sup> Expressão tipicamente do falar lusitano, estranhável em Sales. Seu emprego, talvez, respondesse ao desejo de fazer concessão ao leitor português, pois o livro seria (e o foi) editado em Lisboa.